

O CLERO ESTRANGEIRO NO BRASILG. J. DeelenI - O fato do clero estrangeiro no BrasilBIBLIOTECA
EL COLEGIO DE MEXICO1 - O número de estrangeiros.

Em 1964⁵ eram 12.587⁵ sacerdotes: 7.263 brasileiros (58%) e 5.327 estrangeiros (42%). No Brasil o maior número de estrangeiros encontram-se nas Ordens e Congregações religiosas fundadas tôdas fora do Brasil.

Dos sacerdotes que trabalham no Brasil 7.760 são religiosos, dos quais 4.285 são estrangeiros, isto é igual a 55%. Dos 4.829 sacerdotes seculares 1.042 são estrangeiros (21,2%).

Apresentamos aqui alguns dados do clero estrangeiro de países que têm mais de cem sacerdotes no Brasil.

Quadro 1: Clero estrangeiro de alguns países, trabalhando no Brasil: 1964.

País de Origem	Clero Rel.	Clero Sec.	Total	% sobre o total de estrang.	Entraram no Brasil em 1965
Itália	1.213	196	1.409	32,3	20
Alemanha	865	125	990	23,2	5
Holanda	923	44	967	22,5	15
Espanha	390	172	517	12,1	1
EE. UU.	260	11	271	6,4	17
Polônia	128	29	157	3,7	3
França	89	23	112	2,6	5

Fonte: Ceris - Rio de Janeiro

A Igreja do Brasil conta com Sacerdotes de 37 nações diferentes. Os maiores fornecedores do clero estrangeiro são os países referidos no quadro: São latinos da Itália, Espanha e França; Nórdicos: como os Holandeses e Americanos. Os italianos formam um bloco notável de 32,3%, mesmo entre o episcopado os italianos são numerosos (22 bispos). Alemanha e Holanda são países que enviaram padres para o Brasil desde longa data. As Congregações de missionários fundadas nos séculos XVIII e XIX na França não tem atualmente muitos membros na própria França, desta forma no Brasil, o número de religiosos franceses é bem reduzido. O interesse, aliás da Igreja da França não é o Brasil. Mas as antigas colônias. Estas congregações francesas, são mais florescentes agora na Espanha, Holanda e Estados Unidos, que estão realmente voltando-se para o Brasil e enviam para cá o "surplus" sacerdotal.

O número de ingresso dos padres estrangeiros no Brasil está diminuindo constantemente, apesar de não serem enviados muitos sacerdotes para as antigas colônias.

No ano de 1963, entraram no Brasil 237 padres estrangeiros; em 1964 o número baixou até 174 e no ano de 1965 entraram apenas 104 padres estrangeiros. Um número maior de sacerdotes está chegando ao Brasil provindos dos EE.UU. e Canadá. O total de Missionários, porém, chegados ao Brasil anualmente está diminuindo, apesar destes novos envios.

As razões deste fenômeno são mais ou menos evidentes:

1. Falta de vocações na Europa; e crise de vida sacerdotal(1)
2. A propaganda missionária não é eficiente.
3. Muitos jovens preferem mais um trabalho como leigos para o desenvolvimento sócio-econômico do terceiro mundo do que como padres dentro da Igreja da América Latina.
4. Muitos padres religiosos sabem que os confrades deles no Brasil estão realmente atrasados e estão mantendo "um regime de cristandade" e os jovens europeus não querem mais trabalhar, dentro deste quadro.

(1) Cfr. Informations Cath. Intern. nº 287, 1^{er} Mai, 1967, p.12, Pour la première fois tous les pays de l'Europe occidentale sont touchés par la crise des vocations.

5. É cada vez maior o número de padres jovens, que duvidam da validade do aumento de estrangeiros. Muitos não querem mais sair. Eles acham que a solução do problema será aceitar homens casados para o ministério sacerdotal e não mandar estrangeiros.
6. Antigamente o missionário era mandado pelo superior (na Itália é ainda assim). Hoje a saída do país de origem e a escolha da segunda pátria são determinadas pelo padre jovem.
7. São raras, na Europa, as informações objetivas e certas sobre a Igreja no Brasil e muitos não querem trabalhar numa área totalmente desconhecida, sem saber de antemão qual será a função deles e que significa isto para a Igreja(2).
8. Em alguns países os padres jovens duvidam do valor do ministério sacerdotal e não querem mais fazer tanto sacrifício de trabalhar fora do próprio país na função sacramental do padre.

2. O tipo de trabalho

As estatísticas não permitem a indicação dos tipos preferenciais de trabalho do clero estrangeiro. Muitos deles trabalham nas prelazias, em terras de missões, nos colégios católicos, nas paróquias e nas missões populares, 65 deles ocupam o cargo de bispo ou prelado.

Dos 278 padres que entraram no Brasil nos anos de 1964 e 1965, 81% declararam a função que eles ocupam no Brasil. No quadro 2 apresentamos alguns dados.

(2) Na aula Conciliar o Padre Arrupe s.j., Geral da Companhia de Jesus, chamou atenção para este ponto, se referindo a todas as missões: "A concepção missionária do Ocidente está marcada por diversos defeitos: demonstra um certo infantilismo, talvez, porque as informações missionárias são destinadas mais às crianças do que aos adultos." Citado por Frei Boaventura Kloppenburg, o.f.m.; Concílio Vaticano II, Vol. 5, Ed. Vozes, Petrópolis, 1966, p. 267-68.

Quadro 2: Ocupação principal dos padres estrangeiros que entraram nos anos de 1964-1965 no Brasil.

Ocupação	Nº de Padres	% sobre o total
Coadjutor	90	39,8
Professor	31	13,7
Vigário	28	12,3
Estudante	24	10,6
Prof. do Seminário	20	8,8
Missionário	12	5,3
Superior local	4	1,7
Capelão	4	1,7
Provincial	3	1,3
Outras ocupações	4	1,7

Fonte: Ceris - Rio de Janeiro

O maior número vem para trabalhar em paróquias, são 118 ou 52% do total. Outra categoria importante é a de professor de colégio ou de seminário: No total 51 padres ou 22,5%.

Em terceiro lugar verificamos a categoria do "superior". Seja do Superior local, do provincial ou do superior do seminário. Para este tipo de funções eram enviados padres estrangeiros: Vigários, Professores ou Superiores. Não houve mudanças ainda neste particular. Parece que os estrangeiros ainda não mostraram muita originalidade no tipo de trabalho deles. Para a pastoral ambiental apenas verificamos um assistente da A.C. e outro para trabalho de catequese.

Essas tarefas tradicionais, que os primeiros missionários do século XVI já assumiram no Brasil, não entusiasman jovens sacerdotes europeus. É notável que o número de missionários, para terra de missões ou para as missões populares seja bem reduzido. Entraram, somente 12 padres em dois anos para fazer este trabalho. Por outro lado, 24 padres entraram no Brasil para estudar. Isto é um sinal de dinamismo e uma possibilidade que eles recebem para conhecer melhor o Brasil antes de começar o trabalho. Mediante esta introdução pode ser diminuído, no futuro, a "europeização" da Igreja no Brasil através de sacerdotes estrangeiros melhor aculturados e com uma preparação intelectual mais adequada e me-

nos alienada da cultura brasileira. Podemos acrescentar outro sinal de esperança: o fato de ~~da~~ padres estrangeiros fazerem um curso de formação intercultural em Petrópolis. Esta formação ainda é bastante intelectual e inspirada na teologia e pastoral de fora não tanto nos valores sociológicos e culturais das classes sociais do Brasil; mas é uma tentativa de adaptação.

3. Região de trabalho

Apresentamos somente dados gerais e não entramos em pormenores.

Localizamos o número de sacerdotes estrangeiros segundo os Regionais da C.N.B.B., conforme dados de 1964. Dos religiosos estrangeiros 404 padres não indicaram o lugar de trabalho. Eles não são levados em consideração no quadro que segue abaixo.

Quadro 3: Clero estrangeiro distribuído por regionais da C.N.B.B. : 1964.

REGIONAIS	Nº de padres	Nº de padres estrangeiros e naturalizados	% de estrangeiros e naturalizados	Habitantes p/ 1 sac.
Norte	467	361	77,3	7.019
Nordeste I	759	216	28,4	10.722
Nordeste II	904	290	32,0	10.310
Nordeste III	488	155	31,7	14.876
Leste I	1.232	513	41,6	6.476
Leste II	2.065	736	35,6	6.429
Sul I	2.822	1.109	39,2	5.840
Sul II	811	394	48,5	8.064
Sul III	2.081	506	24,3	4.455
Extremo Oeste	214	171	79,9	5.857
Centro Oeste	271	165	60,8	9.887
Distrito Federal	67	-	-	-
B r a s i l	12.181	4.616	42,0	7.019

N.B. - 404 padres não declararam o lugar do trabalho.

Fonte: Ceris - Rio de Janeiro

Nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Acre e nos territórios de Rondônia e Amapá encontramos uma porcentagem de padres estrangeiros bem mais elevada do que a média do Brasil inteiro.

Nestas áreas de missões encontramos circunscrições eclesiásticas onde trabalham exclusivamente padres estrangeiros. A média de missionários estrangeiros sobe de 75% do total do clero. Mas será errado pensar que "o sacerdote estrangeiro" esteja localizado sobretudo nessas áreas; a porcentagem não é mais do que 15%. Nos últimos anos houve certas críticas a respeito da política da C.R.B. de dirigir padres estrangeiros para as áreas do Nordeste. Na realidade observamos que a porcentagem dos padres estrangeiros que trabalham no nordeste é abaixo da média no Brasil. Mas nos três regionais do nordeste do Maranhão até o Estado da Bahia encontramos apenas 661 padres estrangeiros ou 14,4% do total, para 32% da população católica do Brasil.

Observamos no Quadro 3 que justamente nos Regionais do Nordeste existe um número menor de padres por habitantes. No Estado da Bahia encontramos um sacerdote para cada 14.876, e a média do Brasil é 7.019 habitantes por sacerdote.

Em números absolutos encontramos uma concentração de padres estrangeiros naquelas áreas do Brasil onde se localizam os centros culturais e econômicos, como Rio de Janeiro, São Paulo e também Curitiba.

Nos Estados da Guanabara, São Paulo e Paraná encontramos 2.066 padres estrangeiros, seja 43,8% do total. A média de estrangeiros nessas áreas é mais elevada do que no Brasil em geral. Nessas regionais encontramos a mais favorável proporção de sacerdote por habitantes no Brasil. Nas mesmas áreas verificamos também uma concentração de religiosos e religiosas brasileiras (3).

(3) Num documento sobre "Planificação e Coordenação da ajuda de pessoal à Igreja da América Latina" da Pontificia Commissione per l'America Latina (CAL) se coloca a questão de relacionar a ajuda econômica com a ajuda de pessoal. O documento afirma o seguinte: Observa como o pessoal enviado à algumas regiões mais pobres, vê demasiadamente limitadas suas possibilidades de trabalho, e, portanto, o rendimento de que a Igreja tem necessidade, devido à falta de meios e instrumentos necessários para o desenvolvimento normal de sua missão.

Por outro lado se vê como edifícios e outros instrumentos materiais destinados a um serviço pastoral concreto, não podem ser empregados, ou se empregam com um rendimento muito baixo, porque não possuem a necessária equipe de pessoal eficiente que os maneje.

Por último, muitas necessidades gritantes de pessoal para as zonas críticas da América Latina não podem ser atendidas, porque, nestas zonas, precisamente mais pobres e desprovidas de tudo, não é possível que o pessoal encontre os meios para subsistir" (Notiziario della Pontificia Commissione per l'America Latina, 7, marzo, 1966, p.22).

A menor proporção de padres estrangeiros verifica-se no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A proporção de estrangeiros sobre o clero brasileiro é apenas 24,3%.

A estatística revela que certas nacionalidades mostram preferência para uma região determinada no Brasil.

Os holandeses, por exemplo, preferem o Estado de Minas Gerais, onde trabalham 30% de todos os padres holandeses no Brasil. Os poloneses e os alemães preferem a região sul I - III (33%), os italianos seguem também esta preferência, não deixando de ter muito interesse pelo Estado de São Paulo. Eles seguem mais ou menos as áreas de imigração européia no Brasil. Os padres dos Estados Unidos e Irlanda mostram preferência para as áreas de missões no norte e centro-oeste.

4. Religiosas

A religiosa não pertence à categoria do clero. Levamos, contudo, em consideração a vinda da religiosa para o Brasil, porque isto pode esclarecer melhor a presença "do mundo eclesial" estrangeiro que trabalha no Brasil. O número de religiosas estrangeiras é bem mais reduzido que o número de sacerdotes. Do total de 40.513 religiosas professas no Brasil no ano de 1965, 4.890 são estrangeiras (12%), 109 delas se dedicam à vida contemplativa e 4.781 à vida ativa de apostolado. Existem também menos congregações de religiosas que foram fundadas para atender às terras de missões. Muitas congregações trabalham numa área restrita para atender à certas necessidades regionais e temporais.

Ultimamente estão entrando no Brasil congregações novas da Europa, dos EE.UU. e Canadá por motivos de sobrevivência. O problema vocacional no mundo feminino é realmente notável na Europa. Um dos motivos principais, é o trabalho tradicional que ~~elas~~ fazem e uma vida de "ghetto" que ~~elas~~ levam. Entrando no Brasil ou na América Latina ~~elas~~ esperam recrutar um maior número de vocações. Outro motivo que leva as congregações femininas para o Brasil é a mentalidade de renovação que algumas têm (a influência do Cardeal Suenens).

Um certo número de congregações femininas queriam deixar as obras tradicionais como os hospitais e colégios, onde ~~elas~~ foram mais uma concorrência injusta com os leigos, do que um serviço da Igreja.

O Brasil é um país onde as religiosas têm possibilidade de adaptar-se, de começar trabalhos regionais e de renovar-se totalmente.

Estudando a influência que as religiosas estrangeiras têm na comunidade local ou na sociedade mais ampla, verificamos muitas vezes uma mentalidade fechada e um desinteresse para o bem comum. Para a religiosa estrangeira parece difícil a contribuição para o desenvolvimento social. No Congresso de "Pro Mundi Vita" de 1966, em Louvain, um grupo de superiores formulou a seguinte resolução: "As participantes do Congresso sublinham a necessidade de um conhecimento melhor da situação e das necessidades da Igreja Universal. Aconselhamos fortemente o estudo de antropologia cultural e de estudos interculturais. Experiências na América Latina ensinam, que algumas religiosas bloqueiam o desenvolvimento da Igreja e da sociedade por causa da sua atitude social reacionária. Elas mesmo colaboram para que alunas, pertencentes às classes altas, vivam um comportamento social irresponsável. As religiosas nomeadas para as terras de missões devem ser devidamente preparadas nos encontros interculturais, antes que elas partam. É necessário um curso de línguas e de aculturação no país de origem. Esta formação prévia, reduzirá, esperamos, o número daquelas, que começam a trabalhar no estrangeiro, sem idoneidade." (4)

Aquêles países que fornecem o maior número de padres estrangeiros, fornecem ao mesmo tempo, o maior número de religiosas estrangeiras, com exceção da Holanda. Indicamos no quadro a seguir os países que têm mais de cem religiosas no Brasil.

Quadro 4: Religiosas estrangeiras no Brasil, vindas de vários países:

País de Origem	Nº de Religiosas	% sobre o total das estrangeiras
Alemanha	1.274	26,0
Itália	1.227	25,0
Espanha	787	16,0
França	216	4,4
Portugal	212	4,4
EE. UU.	172	3,5
Holanda	121	2,4
Áustria	104	1,2

Fonte: Ceris - Rio de Janeiro

(4) Congresso "Pro Mundi Vita", Colloque sur les Religieuses et l'apostolat Universal, 10-4 de set., 1966. Louvain, Boletim Pro Mundi Vita nº 16, 1967, p.41

II - Tipos Sociológicos de padres estrangeiros

Tentamos descrever aqui uma tipologia de padres estrangeiros, baseada no mesmo método de Max Weber que utilizamos já em outros lugares ~~deste estudo~~, falando em tipos ideais ou sociológicos.
(cf. Os Bispos do Brasil)

1. Tipo colonial

As nações que mantiveram, por muito tempo, colônias, enviavam para lá o "surplus sacerdotal", que era geralmente utilizado para construir a Igreja católica ao lado de uma rede de comércio e de um poder político, na terra dependente da metrópole. Assim, os missionários franceses, foram para a África do Norte e Oceânia, os da Bélgica para o Congo Belga, os da Alemanha para a África Central, os holandeses para a Guiné e Indonésia. (5)

Os missionários gozavam geralmente, de uma proteção por parte dos colonizadores e eram os portadores da cultura européia. Os missionários encontravam, nas colônias, sempre um número notável de patrícios, comerciantes, "exploiteurs" e funcionários. Eles esperavam que os padres ajudassem direta ou indiretamente à suação.

A ação colonizadora era motivada na religião, pregavam a paz e a tranquilidade entre os nativos, justificando, inclusive o sofrimento nesse mundo como obrigação cristã.

Ao lado do colonizador autêntico, o padre se sentiu no poder e, também superior a um povo que ainda não tinha a capacidade

(5) Quando em 1945 correu o perigo da Holanda perder a "colônia Indonésia", o governo holandês pediu aos provinciais de Ordens e Congregações na Holanda que mandassem o maior número possível de padres para a Indonésia e com certa urgência. O governo achou que os padres poderiam salvar a situação colonial. Os provinciais prepararam logo 152 padres para mandar às "missões" da Indonésia. Eles aplaudiram a idéia achando que com a perda da colônia também a Igreja da Indonésia, tornar-se-ia independente. Por motivos diplomáticos da Inglaterra não foi possível o embarque dos missionários e o governo holandês enviou militares para lá.

de governar-se. Com certo prazer mantinha ^{esta} uma situação, por motivos de propaganda na metrópole e por romantismo que, certamente, servia para atrair novas vocações - vocações para padres pioneiros, aventureiros, colonizadores sagrados.

Dentro deste método de converter os pagãos nas colônias os próprios padres missionários foram, por séculos, considerados como um produto de exportação, como o textil, máquinas e equipamento hospitalar.

Na metrópole ele foi considerado como o grande herói, que se sacrificou para viver tão duramente entre os pagãos não civilizados. Naquele tempo e em algumas camadas ainda, atualmente, não se tinha uma imagem do "presbyter". O homem de Deus que está a serviço dos outros homens, como um deles, criundo e vivendo com eles como irmão. A Igreja da metrópole mandou o sacerdote para as colônias para impor as estruturas de dominação junto com as estruturas dominantes do governo.

Na colônia mesmo, especialmente depois da independência, vemos melhor que estes missionários foram os portadores de um sistema religioso alienado; em nome de sacrifícios eles causaram danos para a própria Igreja.

Métodos de trabalho da metrópole foram simplesmente copia dos, não levando em conta as próprias necessidades da terra de missão. Até em nossos dias entram no Brasil religiosos e religiosas do estrangeiro para continuar as estruturas alienadas da Igreja. Continuam a dedicar-se ao ensino médio, fazendo deste ensino um tipo de comércio para sobreviver.

A vinda do padre estrangeiro para o Brasil deve ser considerada bastante negativa, tanto por motivos teológicos e eclesiásticos, como por motivos sócio-culturais. Ivan Illich fez recentemente a seguinte crítica sobre o padre estrangeiro na América Latina: "A importação em massa e indiscriminadamente do clero estrangeiro colabora com a sobrevivência da burocracia eclesiástica na própria colônia, que se torna cada vez mais estrangeira e melhor equipada. Esta imigração ajuda a transformar o antigo estilo em supermercado de Nosso Senhor com um grande estoque de catolicismo, liturgia e outros meios de salvação ... Se a América do Norte e Europa mandarem muitos padres para ocupar paróquias vacantes, não há necessidade de se pensar em formação de leigos, em desempenhar tarefas evangélicas, em reconstruir estruturas paroquiais; os papéis do clero, a missa de preceito, o sermão clerical. Assim não

existe necessidade de utilizar diáconos casados; de organizar formas novas de celebração da Palavra e da Eucaristia, e celebrações de conversão ao Evangelho no meio familiar, em casas particulares. A promessa de mais padres é como uma sereia mágica. Isto faz a "surplus" do clero na América Latina invisível e se torna impossível o diagnóstico desse "surplus" como o maior dom da Igreja (6).

Falando sobre o trabalho e o engajamento do clero, Illich observa com certa razão uma situação colonial dentro da Igreja da América Latina, causada pelo clero estrangeiro. "Uma grande parte do pessoal eclesialístico está trabalhando atualmente em instituições privadas a serviço da classe média e alta, aproveitando muitas vezes, de salários respeitáveis.

Isso num continente onde há escassez tremenda de professores, enfermeiras e assistentes sociais nas instituições públicas a serviço dos pobres. Uma grande parte do clero está trabalhando em funções burocráticas geralmente ligadas com o comércio de sacramentos sacramentais e bênçãos supersticiosas. A maioria deles vive em esqualidez. A Igreja não é capaz de empregar o seu pessoal em tarefas valiosas de pastoral, nem é capaz de manter os padres". (7).

O processo da colonização da Igreja na América Latina é um processo histórico, profundo e tão ligado com a cultura global que poucos conseguem observar os danos causados por este tipo de evangelização. (8)

(6) Illich Ivan, The seamy side of Charity, America 21 jan. 1967, p. 90. Os mesmos pensamentos já foram publicados por Jordan Bishop o.p., na revista Commonweal, 2 de julho 1965, Kontroversen in die U.S. - Priesternilfe fuer Lateinamerika, Herder Korrespondenz 21/1967/4, p/16669.

(7) Illich Ivan, art. cit. p. 90.

(8) Cfr. Comblin José, Situação histórica do Catolicismo no Brasil, R.E.B. 26(1966) p. 574 - 601; Assi. Riolando, A Evangelização do Brasil, doc. datilografado, p.20, afirma como historiador o seguinte: Em primeiro lugar quase todas essas congregações vêm para o Brasil trazendo, como era natural, uma carga acentuada de mentalidade colonialista, nacionalista e individualista da Europa do século passado.

Uma das grandes preocupações dos religiosos (em grande maioria são congregações clericais) é formar em terras brasileiras uma espécie de feudo ou domínio territorial da ordem. Todas procuram ter instituições nos centros principais da nação, numa visão profundamente individualista, sem nenhuma visão do apostolado de conjunto. Daí o grande acúmulo de colégios e comunidades religiosas em certos centros de maior importância política e cultural.

Por outro lado, procuram em geral essas congregações manter vivo o próprio patrimônio cultural, através da conservação da /...

Só nos últimos anos a Igreja no Brasil consegue libertar-se da situação colonial através de movimentos como o Movimento para um Mundo Melhor, o Plano de Emergência, o plano de Pastoral de Conjunto, a constituição dos regionais da C.N.B.B. e da C.R.B., o chamado Movimento de Natal, o Movimento do Brasil Urgente, o Movimento de Educação de Base, a Ação Popular, a evolução da JUC e da JEC, a inspiração de vários "bispos sociais", as experiências nas paróquias em mãos de religiosas e leigas.

2. O construtor

Em vários países da Europa houve um processo seletivo para mandar padres para terras de missões. A multidão de Congregações mantinham tôdas, uma rede de propaganda missionária para conseguirem atrair muitos rapazes para os seminários.

Ser missionário trazia um prestígio bastante grande, vida sacrificada. Os missionários eram necessários para converter o mundo para o catolicismo e educar os pobres e miseráveis. Entraram, assim, muitos rapazes no seminário sem capacidade intelectual e sem possibilidade de fazer um trabalho sacerdotal no próprio país. Esses candidatos eram mantidos no seminário por serem bons rapazes e certamente serviriam para a África e para a América Latina. Sem nenhum método de adaptação estes jovens sacerdotes chegaram aqui, perdendo logo uma parte da sua pequena competência por motivos claros, de ambiente diferente que não entendiam muito.

.../ língua de proveniência, como de outras tradições culturais e religiosas, sem um esforço sério de adaptação à mentalidade do povo brasileiro.

Finalmente, repetem muitas vezes em nível mais elevado as antigas rivalidades das corporações medievais, numa propaganda particularista e às vezes inoportuna das devoções, práticas devotas da própria ordem e não se afastando às tradições religiosas do povo brasileiro. Isto ocasionou/durante a república velha, e em alguns lugares perdura até hoje, um enorme individualismo religioso, constituído de "igrejinhas" dentro - às vezes quase à margem - da Igreja do Brasil.

Tipos como estes que tinham consciência de sua incompetência para trabalhar como sacerdotes na própria pátria, buscaram aqui outros meios de realização para não ficarem frustrados e para mostrar que eram capazes de fazer grandes coisas. Muitos se realizaram mediante construções e se consideravam no trabalho missionário como construtores. Sua vida sacerdotal perdeu-se em "buildings" e construções para superar a idéia de incapacidade para um trabalho valioso. Este tipo de padre estrangeiro sabe funcionar melhor com britadores, concreto armado, caminhão, do que com sacramentos e com sermão de domingo. É o tipo que passa constantemente com falta de dinheiro e gosta muito de fazer festas populares, leilões de gado, etc. Tudo para ajudar os "pobres", mas tudo desaparece nas construções.

Evidentemente, este tipo colabora com uma visão de cristandade, lutando para a auto-suficiência da Igreja no campo do ensino, da cura hospitalar etc. Os maiores concorrentes dele são o estado e as outras denominações religiosas ou mesmo outras congregações religiosas que constroem prédios, escolas, hospitais, internatos etc., com maior facilidade. Eles estão convencidos que a Igreja deve construir um próprio mundo para "os salvos". Doutrinalmente eles têm uma mentalidade bastante fechada. Os dogmas e os pronunciamentos da hierarquia são para eles o evangelho e não estão acostumados a refletir sobre isto. De teologia eles não entendem muito e nem fazem questão; intelectualmente são inertes. Um exemplo deste tipo de estrangeiro foi-me revelado num pronunciamento de um bispo (estrangeiro) que me disse ao voltar da primeira sessão do concílio. "No concílio os bispos falaram sobre as fontes de revelação, eu gastei melhor o meu tempo e fui atrás de outras fontes" (dinheiro)".

Muitos deles exercem somente funções de diáconos ou de leigos dentro da Igreja institucional.

Eles entendem pouco do trabalho próprio do sacerdote. Talvez, muitos nunca tiveram vocação sacerdotal.

~~Eles entendem pouco do trabalho próprio do sacerdote. Talvez, muitos nunca tiveram vocação sacerdotal.~~

Eles confundiram a função sacerdotal com a função de construtor de "prédios sagrados", como fôsse a Igreja Católica uma empresa de construções.

3. O nacionalista

Antigamente todos os padres estrangeiros chegaram ao Brasil sem nenhuma possibilidade de aculturação.

E mesmo hoje em dia, muitos não aproveitam da possibilidade existente no Centro de Formação Intercultural de Petrópolis. Através de experiências próprias e dos colegas ele tenta se inteirar um pouco da realidade brasileira.

Mas vindo de países, onde é costume falar mal das colônias e dos países subdesenvolvidos, certo número de padres estrangeiros reflete também este hábito.

Como um padre polonês me disse:

"A religiosidade do imigrante polonês, mesmo depois de duas ou três gerações no Brasil, é tão profunda, quanto a dos poloneses em sua pátria. O caso é diferente, porém, quando eles se casam com brasileiros".

"Seu fervor se arrefece, principalmente quando se trata de um polonês que se casa com uma brasileira".

Outro padre da mesma nacionalidade afirmou:

"Os filhos de Brasileiros adquirem o vício de fumo. Com 10 - 12 anos não obedecem aos pais, ao contrário, respondem-lhes e infelizmente, essas influências nocivas já têm atingido alguns lares poloneses".

O país de origem, eles não conhecem. Viveram lá até 24 - 26 anos, mas desde 12 anos dentro do seminário. Longe da pátria eles começam a apreciar as situações, os costumes e o tipo de apotolado da pátria, também por falta de capacidade intelectual de pensar e viver em outros padrões, culturalmente diferente do país de origem.

Não é muito difícil de reconhecer a nacionalidade de vigários, observando o trabalho deles. Em várias paróquias no Brasil, se observam igrejas européias e se pode ouvir a observação do povo que o padre quis construir uma igreja igual aquela onde foi batizado.

4. O Especialista

Especializações dentro da Igreja são realmente uma novidade. Constatamos inegavelmente o número crescente de padres que se formam em universidades nas ciências positivas. Mesmo professores de seminários maiores são hoje em dia formados nas universidades de Roma, Louvain etc. Junto com o clero estrangeiro entrou no Brasil também um pequeno grupo de padres especializados, por falta de especialista dentro da Igreja do Brasil. Vários são contratados por alguns anos, outros trabalham meio ano no Brasil e o resto do ano na Europa. Quase todos trabalham fora do quadro de Ordens ou Congregações às quais eles pertencem e assim eles mostram também um comportamento mais indiferente. O campo de trabalho deles é mais em âmbito nacional e regional do que local.

Este tipo está em condições melhores de conhecer a Igreja do Brasil por motivos da participação da vida da Igreja num plano mais elevado e por motivos de estudos aos quais eles se dedicam.

O tipo pode ser "perigoso" e tem certas características de "l'enfante terrible", provocam de vez em quando reações de autoridades eclesiais. O tipo é geralmente de um catolicismo aberto e às vezes "esquerdista".

Eles mantêm relações com a teologia e as experiências pastorais da Europa e do Canadá tentam vender isto de modo adaptado aqui no Brasil. A maior preocupação deles é de colaborar na formulação de estruturas novas dentro do pastoral no Brasil. Eles tentam uma mudança de normas éticas para um cristianismo que é baseado nos valores humanos.

O tipo está bastante disposto a publicar artigos e livros e através disto a influência deles é mais do que se pensa. Não permite, aliás de falar em grupo de pressão, porque eles não formam um grupo, apesar de se encontrarem regularmente.

Entre eles se nota um maior espírito de colaboração com a Igreja em vias de renovação no Brasil e raramente eles trabalham no meio ou ao lado de conterrâneos. (9)

(9) A Revista "Eglise Vivante" 19 (1962) nº 2, dedicou um número especial à questão de missionários estrangeiros na África. Neste continente parece que os problemas do clero estrangeiro estão trazendo dificuldades para a africanização daquela Igreja.

Clero

III - O Padre Estrangeiro na Pastoral

Vários padres estrangeiros têm ainda um plano de pastoral feito, (~~porque tem uma visão clara do futuro~~) baseado no passado da Europa - Alemanha, Itália, que age nêles como um mito, e não lhes permite outra forma de reflexões críticas senão aquelas que lhes confirma e justifica o plano. Reagem com ressentimento frente a qualquer idéia que não caiba dentro do plano pré-estabelecido. O ressentimento contra a pátria adotiva se manifesta por um apêgo fetichista às formas pastorais do país de origem. (10).

Entre o padre estrangeiro existe, também o herodianismo sacerdotal (11). O herodianismo sacerdotal consiste em importar fórmulas estrangeiras de apostolado, fundar movimentos copiados de outros países. Produz-se assim a formação de obras formais que ficam na letra, não conseguem ^xexpandir-se além do pequeno círculo dos herodianos e nunca chegam a atingir o homem comum, o povo, que não participa do ufanismo da classe alta. Este é fenômeno de desnacionalização. Ficou bastante comum nas últimas décadas. Por sinal é fenômeno novo que atinge sobretudo o Clero jovem. Antigamente, o clero nacional vivia mais isolado das influências estrangeiras e mais perto do povo ordinário. O perigo seria ver o clero adotar modas e estilos estrangeiros e palavras estrangeiras, e se tornar assim incompreensível, afastando-se do povo e até desprezando o povo incapaz de compreender as belezas do apostolado de tal ou tal país.

A multiplicação do clero estrangeiro traz consigo várias desvantagens sérias. O sacerdote estrangeiro nunca chega a nacionalizar-se perfeitamente. Pode-se melhorar muito sua adaptação,

(10) Comblin José, Situação histórica do Catolicismo no Brasil, REB 26 (1966) nr. 3 p. 574-601, especialmente p. 598

(11) O termo é do historiador Toynbee, para indicar um progressismo abstrato. A classe alta procura por todos os meios constituir em redor de si um pequeno mundo artificial em que tudo está como nos países considerados adiantados. Assim encontramos entre o clero estrangeiro um certo número de padres que têm idéias estrangeiras de pastoral, mas estas idéias não são realizáveis por falta de estruturas. É no caso que sejam realizáveis muitas vezes não são funcionais porque seriam de um outro "background" sócio-cultural e eclesial.

mas não se podem esperar milagres psicológicos. O rendimento sempre é inferior ao de um sacerdote nacional, sendo as demais condições iguais. Isto não é grave. Mais grave é o estrangeiro reconstituir uma Igrejinha semelhante à igreja de seu país de origem, o que exclue uma região social e psicológica popular, imensa do campo de sua ação. Agrava-se, assim, por contágio o herodianismo do clero local. À primeira vista o contáto provoca melhoramento do clero nacional. Mas é melhoramento segundo os padrões reconhecidos arbitrariamente superiores porque estrangeiros: não tem valor absoluto. Quem sai perdendo é o povo que se sente afastado daquela Igreja nova importada que querem criar sem êle.

Por outra parte, os sacerdotes estrangeiros, como todos os imigrantes, perdem o contáto com o desenvolvimento de seu país de origem. Tendem a formar d'êle uma imagem estável, parada, fixa. A Igreja que pretendem inconscientemente importar já é uma Igreja e uma pastoral superadas no próprio país. É também uma pastoral fixa, sem movimento de evolução. Basta dar uma olhada sôbre a pastoral promovida pelas Congregações religiosas importadas. Quase todas são bastante conservadoras, tradicionalistas, rotineiras, mas do que no país de origem. As obras que promovem são muito mais inertes, com menos vitalidade. ~~Os superiores, em vez de se admirarem e buscarem as causas, acham o fato quase normal, acostumados a aceitarem possivelmente a superioridade estrangeira: por sinal, os superiores, às vezes são estrangeiros, ou desnacionalizados pelos anos que passaram fora.~~

Por fim, o recurso aos sacerdotes estrangeiros tende a formar um padrão de estilo sacerdotal inspirado de outros países, o que torna o recrutamento ainda mais difícil e complica o problema das vocações em vez de procurar uma solução. Normalmente cada país deve fornecer seu clero e as condições para o sacerdócio adaptadas à situação de cada nação.

Os papas insistiram tanto na necessidade de formar sacerdotes nacionais nas missões, que não será preciso dar demonstração. A fortiorá vale a doutrina dos papas, ^{para} os velhos países de cristandade. Qual seria a situação na França ou na Itália se 30% ou 40% dos sacerdotes fôsem estrangeiros? A renovação atual da pastoral urge este problema. Para administrar válidamente os sacramentos não importa a nacionalidade. Mas para o ministério da palavra, para estimular as obras concretas no meio do povo, para que a liturgia seja realmente significativa, importa muito participar da alma popular.

IV - A resposta do estrangeiro : Uma tomada de consciência.

Depois destas páginas que podem parecer menos agradáveis para os sacerdotes estrangeiros, que, bem intencionados, dão o melhor de seus esforços à Igreja do Brasil, copiamos aqui, uma resposta de estrangeiros. Trata-se de "Miguelito Paper". Três sacerdotes dos Estados Unidos que fizeram em 1963 um manifesto sob o título: "A missão da Igreja na América Latina, e a possível atitude da América do Norte". O manifesto causou preocupação à reunião do CICOP, em Chicago, em janeiro de 1964. Os três sacerdotes trabalham numa paróquia do Panamá.

Visto que o documento ~~deles~~ é de valor e pouco conhecido no Brasil, transcrevemos o texto na íntegra. Vários aspectos válidos para a Igreja do Panamá, também o são para a Igreja do Brasil.

"A Igreja hoje, na América Latina, está em crise, precipitada por vários fatores, como a explosão demográfica, a falta de padres e de religiosos, a urbanização, a evolução social, ou seja, a transformação de um mundo monolítico em um mundo pluralista. Revitalizar ou restabelecer a Igreja na América Latina do século XX é uma tarefa complexa, que envolve a maior parte, senão todos, dos pontos seguintes:

1. Construir uma comunidade, e não uma organização.

A Igreja, Cristo ^{incarnado} no mundo de hoje, é um organismo vivo, dinâmico, não devendo ser jamais uma organização. A Igreja não pode, por si mesma, ser a melhor organização, nem esta melhor organização pode fazer a Igreja. É preciso um esforço para criar uma família espiritual - cordial, íntima, feita de amor e de dom de si mesma. Uma vez formada, essa família descobrirá sua própria estrutura, talvez inimaginada até agora.

2. Construir a Igreja, e não escolas ou mesmo igrejas.

Essencialmente, a Igreja é comunidade de povos ^{em} Cristo. Pode ser observada uma lacuna na comunidade cristã da América Latina, nos dias atuais - lacuna que milhares de hospitais, escolas ou templos não poderão preencher. Um edifício em si (seja uma igreja, uma escola ou um hospital), não sendo a expressão da fé, do amor e da unidade da comunidade cristã, é meramente um símbolo vazio, sem significação. Seria trágico acrescentar simplesmente outras instituições, outros edifícios à Igreja da América Latina, já cercada por inumeráveis símbolos desprovidos de sentido.

3. Formar a consciência social, preferivelmente à consciência individual.

O mundo de hoje dirige-se rapidamente para a coletivização e reage fortemente ao individualismo. Em nenhuma outra parte, esse processo é tão implacável e visível como na América Latina. E é preciso que ele venha ! Virá ele no entanto de Cristo, de Paulo e de João XXIII, ou de Marx, de Lenine e de Castro ?

4. Formar um povo santo, e não meramente santos.

Seremos todos julgados como membros de uma família, e não unicamente como indivíduos. Na Igreja primitiva, de tendência marcada mente coletiva, o julgamento particular era interpretado à luz do Juízo final. Devemos reagir contra a tendência contrária, defendida na pregação dos últimos séculos.

5. Formar pessoas engajadas, e não pessoas que sabem.

Nossa catequese, nossa pregação, concentraram-se mais sobre a informação que sobre a formação. Os programas acadêmicos de instrução devem ceder lugar cada vez mais aos programas de formação, tais como os cursos intensivos, os retiros, o Mundo Melhor, o MFC, etc.

6. Colocar em evidência a recepção dos sacramentos significando encontros com o Cristo, e não estatísticas.

De que valem as multidões apressadas, as longas filas para a comunhão, para a confissão, se estes mesmos sacramentos não transformam profundamente a vida individual e coletiva das pessoas ? A simples recepção dos sacramentos, à luz das condições da Igreja na América Latina, seria inútil, senão prejudicial. Se necessário, por algum tempo, o número de pessoas que frequentam os sacramentos deveria ser reduzido aos que deles se aproximam como encontros com Cristo - seu líder na luta na América Latina - e como uma renovação de seu engajamento com Cristo na comunidade.

7. Conduzir ao cumprimento da lei, e não à sua simples observância.

A pregação legalista e minimalista da Lei prejudicou seriamente a dinâmica cristã na América Latina. A verdadeira atitude do cristão em relação à Lei deve ser a do seu perfeito cumprimento. O verdadeiro cristão observa a Lei indo além dela. Ele age mais na caridade do que a Lei exige. É o exemplo de Cristo - e não da Lei

de Moisés - que estabelece o verdadeiro modelo para a vida cristã. Um tal nível poderia reduzir por algum tempo o número de católicos praticantes; mas criaria uma imagem dinâmica de Cristo em Sua Igreja (o Sacramento) na América Latina.

8. Formar cristãos na sociedade, e não membros de uma sociedade cristã.

A América dirige-se irrevogavelmente para uma cultura pluralista. A pregação e as instituições da Igreja latinoamericana estiveram, no passado, ligadas a uma cultura católica única. A Igreja deve mudar radicalmente sua posição e suas instituições, sob o risco de tornar-se simplesmente uma outra relíquia, interessante. A Igreja não é um fim, como seu Fundador. Ela é, porém, o caminho. Devemos visar à formação de cristãos na sociedade - nos partidos políticos, nas universidades, nas profissões, nos sindicatos, etc. - mais do que à criação de universidades católicas, de sindicatos católicos, etc.

9. Projetar a fé, e não simplesmente protegê-la.

O chamado de João XXIII ao Concílio souo o brado de morte da "cristandade-ghetto". A Igreja não deve jamais pretender ser o pão, a carne, a única luz; ao contrário, ela deve ser o fermento que faz crescer, o sal que dá o sabor e preserva, a luz que ilumina mais que todo o resto.

10. Buscar a verdade, mais do que clamar por ela.

Como cristãos, cremos que a Verdade ^e incarnou-se na humanidade. Devemos agora lutar por ^e incarnar o Cristo em nossa sociedade, sempre mais perfeitamente, sempre mais relevantemente. Isto não é jamais um fato consumado, mas um sempre renovado processo. A verdade da Igreja reside ^{em} no Cristo. Ora, não possuiremos jamais a plenitude da verdade - a plenitude de Cristo - senão no último dia.

Se é esta a tarefa a empreender, qual a ajuda a enviar? Para dar um exemplo, citemos o caso dos padres. A América Latina tem necessidade de aproximadamente 200.000 padres. Nem a Igreja norte-americana, nem tôdas as Igrejas reunidas, podem enviá-los. E mesmo que o pudessem, seria desaconselhável: uma tal força equivaleria a uma "força de ocupação". A Igreja nunca se estabelece pela "invasão". Estabelece-se por uma resposta coletiva e especial ao Verbo de Deus, inspirada pelo Espírito, num determinado povo. Restabelece-se evocando uma resposta nova por parte do clero e do laicato. Mais claramente, a resposta deve ser dada pelas próprias pessoas, sob a direção inspirada de seu clero.

A Igreja latinoamericana pode restabelecer-se, revitalizar-se ? Embora isto seja difícil, não somente ela pode, como deve, e principalmente por si própria. Sustentar o contrário é insultar e rebaixar a fé e a capacidade de grandes povos. Certamente, a ajuda de igrejas-irmãs é necessária, mas não qualquer ajuda, sem discriminação. De que valor teria sido o Plano Marshall para a Europa, depois da segunda guerra mundial, se ele fôsse simplesmente uma invasão de mineiros, de estenógrafas, de gerentes de banco, etc.? A Igreja norte-americana pode e deve ajudar, mas da maneira mais inteligente e mais respeitosa possível. No que concerne aos padres - o mesmo valendo para os outros - a norma deveria ser: enviar assistência técnica, não uma força de trabalho. Para explicitar essa norma, cremos que o padre que vá para a América Latina deve ser:

1. Um catalizador, não a substância da transformação.

A nova resposta do clero e do laicato pode ser grande - mente ajudada e antecipada por um número relativamente pequeno de padres de fora, muito bem formados; enquanto que ao contrário, essa mesma resposta pode ser retardada, e mesmo impedida, por uma invasão de padres, que se tornam um elemento a mais a ser transformado, no processo da formação do povo de Deus.

2. Um co-criador, não um funcionário.

O padre, com seu povo, cria a comunidade cristã. Com eles, ele recria Cristo, num determinado lugar, num determinado momento. Bafejado pelo Espírito Santo, o restabelecimento de uma comunidade cristã torna-se trabalho de procriação divina. A América Latina não precisa de mais funcionários para servir às respostas e instituições arcaicas, muito menos ainda de funcionários com respostas e instituições importadas.

3. Alguém que incite a pensar, não um simples professor.

A maneira de responder a Deus na América Latina deve ser procurada muito antes que a resposta se articule e se organize. A América Latina tem necessidade hoje de homens que inspirem a pesquisa, que incitem a pensar. É Pedro o Apóstolo que é necessário hoje em dia - Pedro Abelardo venha mais tarde ! Enviar, por exemplo, um homem que saiba organizar a CDC poderia ser perigoso, se ele pouco ou nada conhece da forma que deve tomar a catequese na América Latina.

4. Um revolucionário, não um "modernizador".

Muito da ordem atual, muitas das instituições na América Latina, estão não somente em desuso, como não possuem razão nem utilidade. Elas devem ser eliminadas, e não atualizadas. Por exemplo, por que continuar na América Latina um sistema de escola católica que atende quase exclusivamente às necessidades da minoria mais "afluente", e perpetua a divisão de classes ?

O revolucionário é evidentemente um tipo de homem muito diferente. Há necessidade de inovadores, não de renovadores. Não se trata agora de renovar a Igreja herdada da Espanha, e de Portugal do século XVI, mas de construir a nova Igreja latinoamericana do século XX. Se vamos enviar homens, enviemos os Irlandeses, o Spaulding, o Gibbon, o Ryan !

5. Um descobridor, não um administrador.

Há pouco, ou nada, a administrar na América Latina, se não instituições já mortas ou moribundas. Por outro lado, a expressão do povo de Deus na América Latina deve ser ainda procurada. Logo, a América Latina não tem necessidade agora de bons administradores - bem pelo contrário, eles podiam prejudicar - mas de homens que vão procurar descobrir a forma que a paróquia católica, a educação, etc., deve tomar.

6. Um irmão, não um pai na família cristã.

Em boa missiologia, diz-se que os missionários são enviados não como indivíduos para outros indivíduos, mas como homens de uma Igreja para outra. Segue-se, portanto, que os padres norte-americanos são enviados tanto para os padres da América Latina como para o povo. A Igreja latinoamericana - o padre dessa Igreja o sente particularmente - já teve bastante paternalismo. Ela tem necessidade agora de "grandes" homens para partilharem, como irmãos do clero local, do fardo da criação da comunidade - não precisa de homens bons, que insistem em serem líderes paternais.

7. Um homem de fé divina, mais do que eclesiástica.

A Igreja da América Latina não tem tanta necessidade de homens de fé eclesiástica, que crêem nos métodos e nas instituições da Igreja - mesmo nos sacramentos como respostas automáticas. Ela precisa é de homens de fé divina, que crêem profundamente e sem reservas na força criadora da Palavra de Deus que eles pregam, que

crêem que a Palavra, deixada inteiramente livre, criará um sol, uma lua, estrelas, um mundo novo, enfim, um novo povo de Deus.

8. Um criador de liturgia, não um simples executante.

A fé é um processo dinâmico de crescimento no Cristo, uma experiência da comunidade cristã que está sempre se intensificando. A liturgia deve então exprimir esse crescimento e essa experiência do Cristo vivo em uma comunidade particular. Servindo-se ao mesmo tempo de formas tradicionais e da linguagem bíblica, o sacerdote deve criar uma liturgia que exprima o grande mistério da Encarnação moderna, assim como ela se desenvolve na comunidade. O sacerdote que não faz senão executar uma liturgia fixada, exprime o crescimento e a experiência no Cristo de outra pessoa, não o crescimento e a experiência de sua própria comunidade. Ele porta-se como o namorado que, em lugar de falar de seu coração, lê um livro de poesias.

10. Um padre "com as ordens", não um leigo.

Todos os membros do povo de Deus participam do sacerdócio de Cristo. Quem exerce as funções sacerdotais, tendo sido ordenado para isto, deve concentrar suas energias na ordem do sagrado, polarizando todos os que exercem funções autenticamente sacerdotais, e deixando aos leigos as funções leigas.

P. J. Schell